Jairo Gerbase – Ouvindo estas quatro colegas, lembrei o refrão de uma música do baiano Caetano Veloso que diz: "alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial". É um refrão com o qual ele faz ritornelo em várias línguas - é muito bonito o fim dessa canção. Ela se chama 'Fora da ordem' e está no disco "Circuladô".

Esse estribilho também estava em minhas preocupações nesses últimos dias, porque, de fato, há uma questão em jogo que não se levantou mais, porém que se levantou no momento de constituição da Associação Mundial de Psicanálise, e parece que há um pacto, um acordo tácito entre nós de não se discutir mais este assunto. Mas, outrora – Luiz Carlos Nogueira, que está aqui entre nós, foi uma testemunha disto – nos perguntamos se Lacan faria uma associação mundial. Enfim, a questão é saber se os riscos que ele denunciara em relação à IPA poderiam se repetir em relação a uma associação mundial. Não foi preciso esperar muito tempo para se ver que corríamos esses riscos. Em 92, data da fundação da AMP ou, mais recentemente, em 95, data da fundação, no Rio de Janeiro, da Escola Brasileira, três anos ou, se quiserem, sete anos foram suficientes para se ver quanto é complexa a organização dos analistas em uma associação mundial. Daí que eu gostaria de propor que voltássemos a nos perguntar, agora que estamos nos propondo fazer uma associação nacional e uma associação internacional dos fóruns, se Lacan faria uma associação desta natureza que estamos fazendo.

E a pergunta crucial é a que Colette Soler nos fez e que ela mesma tentou responder: Por que é necessário unificar? Ela disse que é uma questão que, certamente, vem do Real. Pareceu-me necessário debater esta questão com mais detalhes antes mesmo de fundarmos uma associação nacional, porque não debatê-la pode tornar prematura a nossa iniciativa. Estando com toda disposição de mudar de posição, tenho ouvido atentamente os colegas dizerem que essa discussão poderemos fazer uma vez fundada a associação. E é o que eu realmente espero: que se possa fazer esta discussão muito amplamente na rede virtual, bem como em cada uma das reuniões que fazemos. Devemos debater sobre a necessidade de unificação à qual estamos nos propondo.

Ainda ontem, um dos argumentos levantados por Marie-Jean Sauret a este respeito, foi o de que a associação nos prepara para a Escola. Mais tarde lhe perguntei por que isto não tinha ocorrido a Lacan, por que Lacan não propôs uma associação para nos preparar para a Escola; por que propôs diretamente a Escola? E ele me respondeu de uma maneira que me tocou, e é por isto que digo que estou disposto a mudar, e é por isto que estou atento ao que me observam. Ele me disse que, em 64, não, mas depois da dissolução foi isto que ele fez propondo a Causa Freudiana. Enfim, eu não me lembrava, não estava atento a este detalhe, embora, outras vezes, tenhamos dito que não foi Lacan quem propôs isto, que em 1980 Lacan já não estava em condições de fazer uma proposição como esta.

*Transcrição de Alexandre Simões, Sueli Miranda e Bárbara Guatimosim

Volto então à questão que me fez lembrar o refrão de Caetano Veloso: a nova ordem mundial é "*small is beautiful*". Enfim, o nosso projeto é, de todo modo, um projeto de globalização. E me parece que isto é um dado estrutural ou um dado do real, se quiserem. Devemos nos perguntar se os analistas podem se globalizar; se os analistas podem se unificar desta forma global ou se a formação se passa com cada analista. E talvez seja em torno de cada analista que se tenha de organizar a Escola, que se possa garantir a formação que a Escola pode dispensar e desse modo fazer existir uma comunidade que possa fazer intercâmbios constantes. Então, eu proponho que sejamos pequenos.

Mas, enfim, vou ao trabalho de comentário que me foi solicitado. Difícil fazê-lo dada a riqueza de questões, começando por Dominique Fingermann que nos propõe o dispositivo do passe como uma dobradiça; o desejo do analista funcionando aí como uma dobradiça. Ela se refere a uma operação redução. De fato, sou testemunha de que ela já tinha isso em mente e posso afirmar isso com base em sua pergunta ao expositor da conferência, a que ela se refere em Salvador, qual seja: É possível distinguir o ato analítico e o ato poético? Esta pergunta já mostrava que ela estava preocupada com essa questão da redução do romance a um significante mestre. Entendo que esta operação redução também se passa no dispositivo do passe.

Você propõe fazer um corte no saber suposto como o que há de essencial nesta operação de redução que acontece no dispositivo do passe. Você disse de uma outra maneira muito singela: redução do drama ao chiste. Aí já é preciso distinguir o que se passa na dimensão da análise e na dimensão do passe. Esta também é uma outra de minhas preocupações, porque afinal de contas, no passe não se trata de contar de novo o drama, de contar novamente o romance que já se contou ao analista. A menos que se seja um Jean-Paul Sartre, que conseguiu em *Les mots* contar toda a sua história em dois capítulos - um que se chama *Lire*, outro que se chama *Écrire* - de um modo ao mesmo tempo particular e universal. É isto que eu gostaria de chamar o passe de Sartre, embora saiba bem que Sartre não é um analista.

Queria, enfim, ocupar um minuto da atenção de vocês para depois formular a pergunta a Dominique. Vou ler um só parágrafo, talvez não o leia todo, porque *time is money*!:

"Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No escritório de meu avô havia-os por toda parte. Era proibido espaná-los exceto uma vez por ano, antes do reinício das aulas, em outubro. Eu ainda não sabia ler, e já reverenciava estas pedras erigidas, em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca, ou nobremente espacejadas em aléias de menires. Eu sentia que a prosperidade de nossa família dependia deles".

E assim ele conta toda a história de um homem com carência de pai: seu pai morrera imediatamente após seu nascimento e sua mãe, sem dinheiro nem profissão, decide voltar à casa dos pais. Ele vive com o seu avô, professor de alemão, em Paris, com a sua mãe e a sua avó. Passa toda a sua infância aí, restrito a esse ambiente de livros e se torna um escritor, um filósofo, talvez o último filósofo enciclopedista que tivemos. Lá na Bahia, eu pergunto aos meus amigos professores de

filosofia se Sartre era um literato, um escritor, e eles me dizem: é um filósofo, o último grande filósofo do século. O que me faz dizer que o traumatismo, neste caso a carência de pai, tal como ele começa a nos dizer em seu relato, é um empuxo ao êxito! É isto que Lacan chamou de *traumatisme*. O traumatismo é o que faz sintoma, neste caso, ser filósofo. O traumatismo é algo que fez Joyce, fez Sartre, fez Dominique Tatu (homofônico a *t'a tout*; tem tudo). É o que eu apreendo do que Dominique nos disse

Tenho um exemplo ao avesso: trata-se de uma mocinha que seus pais, por serem pessoas cultas, a chamaram de 'LUTIA'. Ela mudou a grafia de seu nome próprio porque ninguém sabia pronunciá-lo corretamente. Essa foi sua racionalização. Passou a chamar-se LUCIA e a partir desse ato a CIA tornou-se-lhe um Outro persecutório. Embora este Outro seja universal à psicose, há algo de particular aqui como se pode notar em sua raciocinação: meu nome estava escrito em uma língua morta. Creio que podemos deduzir que o traumatismo, que no caso de Sartre foi um empuxo ao êxito, no caso de Lucia pode ser considerado um empuxo ao fracasso.

Mas, ao dizer que se trata de fazer um corte no saber suposto, então eu lhe pergunto: O que se corta é o saber ou a suposição? Agradecer-lhe-ia se pudesse acrescentar ao nosso debate mais este detalhe.

Em seguida, Elizabeth Rocha Miranda traz um tema interessante e talvez por ser do Rio de Janeiro me evocou M.D. Magno. Magno Machado Dias foi, entre nós, o sujeito que mais brincou com os significantes. Só que o que ele pareceu – se vocês me permitem dizer – não entender, era que isto não era poema propriamente. Não se tratava de fazer poesia, de fazer substituir um significante por outro significante. E me parece que o que Elizabeth mostra aí neste "*dor de amar-ela*" que poderia ser confundida com uma dessas brincadeiras do Magno, é a dimensão, difícil de precisar, de gozo do significante. E eu lhe pediria para explorar um pouco mais esta dimensão, uma vez que não é a relação poética, não é a transposição do significante ao significado o que nos interessa.

Segundo Radiofonia, a metáfora opera um efeito de sentido (não de significação do significante) e uma vez posta a serviço do recalque, produz a condensação, que já não implica mais em arte poética mas em razões, em efeitos de linguagem, próprios à significância, ao significado rigoroso do sujeito.

Por sua vez a metonímia, que é como acho que devo apreender o deslizamento desse sintagma "*dor de amar-ela*", não joga com o efeito de sentido mas com o gozo no qual o sujeito se produz como corte e do qual se satisfaz. Lacan propôs tratar a barra que separa o significante do significado como uma barra real, de modo que, quando dizemos que a barra do sujeito é o efeito de sentido do significante, estamos apontando sua dimensão metafórica, e quando dizemos que a barra do sujeito é o efeito de gozo do objeto *a* (ou do S_1 isolado, do Um), estamos apontando sua dimensão metonímica.

Há ainda no trabalho de Elizabeth uma questão lateral que gostaria de explorar. Trata-se de dois sintagmas: desejo de passe e desejo de Escola. O que me pergunto é se é possível tratar o desejo de Escola e o desejo de passe como conceitos, isto é, se podemos tratá-los no mesmo sentido em que tratamos os sintagmas desejo

da mãe e desejo do analista. Dizer desejo de Escola supõe que a Escola seja um objeto desejável como a mãe e ainda no sentido do genitivo latino, respectivamente subjetivo e objetivo, ou seja, desejável pela mãe e pelo filho. Não creio que se possa dizer isto do conceito de Escola, que seja um objeto desejado pelo passante e que ao mesmo tempo o deseja. O mesmo para o desejo de passe. Seria tratar o passe como um objeto tal como o analista, como a causa do desejo do sujeito. E se é verdade que o passe é o passador, o sintagma desejo de passe suporia tratar o passador como a causa do desejo do passante. Para evitar essa confusão, talvez Lacan tenha preferido falar de demanda de passe, "esse lugar implica que se queira ocupá-lo: não se pode estar aí senão ao tê-lo demandado de fato, *sinon de forme*".

Poderia dizer coisas semelhantes a propósito da contribuição de Graciela Bessa, dado que ela propôs tratar o significante espi(rr)ar como um significante Um (S_1). que se deposita como aluvião e constitui o inconsciente, ou seja, *alíngua*. Neste caso se explora a pulsão escópica, ou melhor, seu deslizamento no corpo produzindo uma somatização: espirrar.

Trata-se da conjunção significante e gozo. Isso é difícil de entender se não se está atento ao fato de que essa metonímia espi(rr)ar se joga no nível que Freud denominou de processo primário, isto é, no nível em que a metonímia é posta a serviço do recalque e produz o deslocamento, isto é, a transferência de gozo ao significante d'*alíngua*. Trata-se do que Lacan chama de fazer passar o gozo ao inconsciente: "A metonímia é o que determina como operação de crédito (*Verschiebung, virement*, deslocamento, transferência) o mecanismo inconsciente de ingresso de gozo".

Em ambos os casos – "*dor de amar-ela*" e "*espi(rr)ar*" – não se trata de fato lingüístico, nem de fato poético, mas de sintoma. E creio que essa é uma diferença a fazer entre processo primário e secundário em Freud.

Poderia esquematizar dizendo que no processo primário essas operações – metáfora e metonímia – estão a serviço do recalque, e no processo secundário elas estão a serviço, por exemplo, da elisão, ou seja, do efeito retórico. Isto quer dizer que os exemplos de Elizabeth e Graciela – "*dor de amar-ela*" e "*espi(rr)ar*" – não estão jogando no mesmo nível do exemplo de Lewis Carroll – "*toque a campainha, também*". Estamos propondo que nos dois primeiros exemplos se trata da dimensão de gozo do significante, enquanto que no terceiro, no de Carroll, se trata da dimensão retórica do significante.

Faço estas racionalizações a fim de concluir que o traumatismo é o mal-entendido do significante e que isso faz sintoma, embora seja sempre difícil afirmar que estes significantes isolados sejam "palavras de passe", dado o fato de que, tal como acontece com os chistes, uma vez explicados eles perdem sua graça.

Passemos finalmente à contribuição de Sonia Magalhães, que diferentemente das três contribuições anteriores que foram de passantes, é a contribuição de uma secretária do dispositivo do passe, proposto na Escola Brasileira de Psicanálise como passe de entrada, como dobradiça da entrada na Escola.

Sonia destaca um enunciado de Lacan acerca da didática – "Uma psicanálise se constitui como didática pelo querer do sujeito e este deve ser advertido

de que a psicanálise questionará esse querer na medida em que se aproxime do desejo guardado em segredo". Ela observa que é função do secretário do passe decidir se o candidato deve dar continuidade ao procedimento. Sua proposta é arrojada na medida em que atribui ao secretário uma função que Lacan havia depositado nas mãos do próprio analista, a saber, questionar o querer do sujeito.

Ela ainda destaca a necessidade de diferenciarmos a qualificação da análise didática da candidatura à Escola. E nessa oportunidade também questiona o conceito de desejo de Escola. Faz seu questionamento equivaler àquele que Lacan introduziu a propósito do desejo de saber, dizendo que o saber não é um atributo que se possa desejar, que se possa tratar de modo transitivo. Desejar, no sentido analítico do termo, no sentido freudiano de *Wunschen*, no sentido de almejar, não pode ser um verbo transitivo, dado que o objeto do desejo é, como se sabe, um objeto de pura consistência lógica, é na verdade um semblante de um objeto real que como tal é inefável, aquilo que supõe de vazio uma demanda, um objeto de desejo que só pode se situar pela metonímia, um desejo que nenhum ser suporta.

É esse questionamento que Sonia equivale ao questionamento do desejo de saber, ao *Wisstrieb*, que não há por que esse saber ser limitado ao gozo insuficiente que constitui o falaser, e que há pouco quisera utilizar para questionar os conceitos de desejo de passe e desejo de Escola. Além de que, ela sugere que a proposição de diferenciar a qualificação da didática da candidatura à Escola, é uma forma de incluir os não-analistas na Escola.

Finalmente, sob o termo de clínica do passe, Sonia quer nos fazer entender que o candidato exprime um desejo de reconhecimento e que o secretário deve efetuar um reconhecimento do desejo. Ele precisa portanto de instrumentos adequados para fazer esse reconhecimento que não é, segundo sua opinião, de desejo do passe mas de desejo do analista. Digamos que ela sugere que o Secretário do passe deve efetuar o reconhecimento precoce do desejo do analista. Como já disse, é uma proposta arrojada querer que em uma ou duas entrevistas se proceda tal reconhecimento. Por isso ela se apóia na experiência da clínica médica assim como na experiência da própria clínica da psicose para estabelecer um argumento analógico. Sugere que é possível reconhecer os fenômenos elementares do desejo do analista tal como se pode reconhecer os fenômenos elementares de uma psicose antes mesmo de sua declaração e tal como se pode reconhecer os signos clínicos de uma doença antes do momento de *crisis*, do momento em que os sintomas estão claros para se fazer o diagnóstico.

Marie-Jean – O encontro de Sartre com Freud é um fracasso. E se Sartre colocou a questão do ato, ele colocou em termos que não são os nossos. Tem uma fórmula – eu acho que é da Sonia – que é: a função política do passe é subordinada à clínica do passe. Isso eu não vou comentar porque é uma frase que, por si só, me surpreende.

Eu me pergunto afinal se essa história do passe na entrada – talvez eu me engane – não é uma maneira de organizar uma Escola sem passe. A experiência

mostra que não funcionou assim. Mas, afinal, o que as pessoas esperavam? Entrar numa Escola sem passe? Simplesmente poder dizer: eu sou psicanalista da Escola. Será que não há, na verdade, um curto-circuito da questão da autorização? Eis então algumas questões.Uma sobre análise didática. É certo que o que diz Lacan: quando o desejo do analista é discernido no analisante, então o analista é confirmado como didata. Mas isso quer dizer o quê? Parece-me que isso quer dizer que o analisante foi conduzido até esse ponto graças à posição do analista. Mas nesse ponto o analisante escapa ao psicanalista. Ou seja, que sua análise não é o efeito de uma sugestão. É uma avaliação pelo avesso da psicanálise. Ou seja, é passando que ele escapa.

E é claro que podemos imaginar que alguns analistas podem ter temor dessa experiência. Mas talvez sejam os que acreditam que a análise é o fato de sua ação. Lacan diz, atenção! que só há um ato analítico, que é o passe do analisante numa análise. O que o analista pode fazer é não comprometer esse passe.

Bom, eu tinha outras questões sobre a exposição de Graciela, que é uma questão teórica da forclusão generalizada que, talvez, devesse ser reavaliada. Na exposição de Elizabeth tem um ponto que me interessa como questão que é a questão da pulsão que ela coloca. E na exposição de Dominique, sobre o fato de haver falha na transmissão. Não sei bem se foi Elizabeth ou Dominique que distinguiu um passador e outro, e a gente se pergunta: Na verdade, onde está a responsabilidade no fracasso da transmissão? E eu queria colocar uma questão: será que você não acredita que há um fracasso irredutível da transmissão e que o que nos chateia são todos os fracassos ligados a considerações imaginárias e secundárias . Vocês conhecem o livro de Agamben sobre o que sobra de Auschwitz? Agamben coloca a questão dos testemunhos de Auschwitz. Talves se possa dizer que a experiência do passe, de certa forma, lembra a experiência do holocausto.

Jairo – Eu queria propor uma questão rapidamente. Vamos supor que J.-A. Miller concorde com sua teoria, com seu conceito de Escola. E justamente o que estamos criticando é que, sob sua direção, apesar desse conceito, a experiência fracassou.

Marie-Jean – Com apenas uma palavra Miller freqüentemente fez uma teoria que nos pareceu exemplar. Talvez a gente precise, também, reavaliá-la, mas eu não estou de acordo que ele tenha a mesma teoria. E eu já tive ocasião de fazer observações sobre uma observação que ele fez. Miller me disse que ele propôs, no cartel do passe, nomear AE aqueles que resistem a ele, Miller, como teoria. Eu agradeço a Miller pela bela forma que peguei dele: que o sujeito é uma objeção ao saber. E vocês conseguem ver que não tem nada a ver o que eu chamo de objeção ao saber com o que Miller falou? Porque quando ele diz: eu nomeio AE aquele que me resiste, ele continua sendo o senhor, o dono da teoria. A fórmula de Elizabeth, ou o que tento dizer, é que estou pouco me lixando se ele acha que isso resiste a ele ou não. Mas eu sei que o que foi produzido como o mais particular de meu ser no final da minha análise, o meu ser no final da minha análise é irredutível à teoria de Miller, à de Lacan, e à de Freud também. Mesmo se me é preciso a teoria de Freud e de Lacan para me dar conta disso.

Dominique Fingermann – Em resposta a Jairo Gerbase, posso dizer que a meu ver a diferença entre a obra do Sartre – *As Palavras* – e um depoimento de passe é fundamental e radical. Isto não invalida de forma alguma a façanha literária nem o esforço de Sartre, isto é, a sua tentativa corajosa de testemunhar da sua história ou seja, do peso, do trauma da alienação ao Outro. O que pode acontecer na experiência do passe é algo às avessas do depoimento de Sartre, um depoimento de passe é além da queixa e da justificação, é uma demonstração de separação e não de alienação.

O que ocorre num depoimento de passe interessa à psicanálise e constitui uma condição da sua extensão, pois a psicanálise só pode perdurar se for sustentada num desejo inédito. Um desejo de psicanalista se funda no limite do Outro (a sua falha, o seu desejo, o seu pecado, S (Ⱥ)), não para se desculpar nem se conformar, mas para que a psicanálise produza algo além da neurose. A psicanálise, para sua extensão, necessita dar provas da sua eficácia, ou seja, do fato que ela vai além da neurose, e da neurose de transferência com a qual ela começa. O passe é para quem quiser, para quem quiser contribuir desta forma para a extensão da psicanálise e arriscar-se a fazer prova do desejo de analista enquanto emergência particular da diferença absoluta. Trata-se de fazer valer a emergência da alteridade absoluta, S (Ⱥ), que deixa o sujeito frente à sua solidão mas também à sua responsabilidade, que podemos considerar como um outro nome do desejo. O ato analítico não silencia o saber, mas silencia, corta a suposição de saber.

No caso, argumento de meu passe, a emergência da responsabilidade radical do sujeito em relação ao que ele fez da estrutura do significante silenciou, cortou a suposição de saber: "não tinha Outro..", e isto constituiu a emergência do desejo do analista. No começo da neurose, havia uma interpretação do nome próprio (impróprio por estrutura), como se fosse uma injunção fálica vinda de um Outro suposto, à qual se acrescentou a consistência imaginária dada ao intervalo significante. "Se fazer ser de..." era uma resposta alternativa à injunção fálica para tentar resolver a questão do ser faltante. O ato analítico corta na suposição de saber e na suposição de gozo.

O que Jairo está chamando de precário no dispositivo, me parece adequado para presentificar o silêncio do Outro, a ausência absoluta de garantia e o fato de que o que "*passa*", passa através dos furos do Outro, é por isso que eu chamei o passe de "*passoire*" (coador).

Elizabeth Miranda – Eu queria primeiro agradecer a Marie-Jean que colocou a questão que eu mencionei, de forma bastante clara: apesar de não ter vindo a resposta, isso já não importava mais. Porque, enfim, é como eu disse: eu já me sentia parte dessa Escola e o dispositivo, esta experiência, essa experimentação, essa prova ultrapassa a questão da nomeação. Não que a nomeação não seja importante e não tenha seus efeitos, mas, a experiência ultrapassa esta questão. A questão da resposta, ela cai.

Quanto à questão da pulsão que também ao encontro do que Jairo perguntou, a questão da dor amarela, eu acho que o gozo nessa demanda ao Outro impedia, aí, o saber. O gozo do sujeito estava preso aos si[illegible]ificantes que vêm do

Outro. E o que há é uma mudança nessa demanda do ser amada ao amor. Ainda a respeito dessa questão da pulsão, o sintoma foi apaziguado, mas não basta saber, eu acho que teve que surgir num outro momento essa ressonância do significante que veio em um momento preciso em que, pelo ato do analista, o sujeito pôde ter, aí, uma tykê que muda a relação pulsão-demanda.

E quanto à questão do dispositivo, Jairo, você diz que Freud precisou de dois personagens, e eu fico pensando se seria assim, porque eu acho que ele precisou da comunidade. Ele teve vários interlocutores, ele permitiu a IPA, havia os analisantes dele, ele e todas aquelas reuniões onde isso era dividido e que talvez funcionasse, aí, como esse Outro necessário para esses processos, para que isso se pudesse fazer. E a Escola, o desejo de Escola? Como é que seria uma comunidade de analistas onde não houvesse um lugar em que se pudesse dar provas do ato analítico e da responsabilidade que isso implica? Enfim, essa minha pergunta é direcionada a você como uma resposta à sua.

Graciela Bessa – Como é que eu poderia resumir essa questão sobre a foraclusão generalizada que você traz e que Marie-Jean trouxe, de certa forma, você toca na sua exposição também? Eu começaria tentando matemizar isso lembrando um comentário de Jean Hypolite sobre a "*denegação*", o texto "A Denegação" de Freud, onde, ali, atento ao que Freud estava escrevendo, Hypolite pinça um ponto onde Freud diz que há uma *Ausstossung* primária. Para que possa ocorrer a *Bejahung* é preciso que haja uma expulsão primeira, quando Freud diz que antes há uma indiferenciação primeira, e que é só a partir dessa expulsão que algo se torna estranho ao eu. Estranho no sentido mesmo de nunca mais... de não ser recuperado.

Então, tomando a partir dessa lógica, tomando isso e retomando o que o senhor coloca – que há algo do qual o significante não toca e que isso é próprio do ser falante – então, foraclusão generalizada, no sentido mesmo de diferenciar o que é a foraclusão que define a estrutura do psicótico, é para definir isso que nos faz *seres falantes*, já que somos seres habitados pela linguagem e por sermos seres falantes estamos condenados a ficar sempre algo fora da linguagem. Não temos como apreender, eu acho que seria uma forma rápida de dizer o que estou chamando de foraclusão generalizada.

E quanto à pergunta que Jairo coloca para o senhor e que está no meu trabalho e que eu coloco como a invídia, tomo como isso que se passa, eu tomo por essa vertente, esse rancor que acontece entre uma mãe e uma filha, essa *invídia*. Interessante, eu estou me lembrando até de um texto de Bernard Nominé que está publicado na *La petite Girafe* – "*Os danos da mãe analista*" – onde ele também fala dessa inveja do pênis. Porque na verdade não é o pênis que a menina inveja enquanto órgão. Não é porque lhe falta algo que ela invejaria esse pedaço do qual ela estaria privada, mas isso remete à questão do gozo.

E o outro texto em que me apoiei para trazer isso é um texto do Jairo onde ele trabalha o insulto: "Fascinação e insulto". Ele também trabalha essa vertente da inveja do pênis como tocando essa questão desse gozo ao qual o significante não

toca. A invídia viria como um recobrimento, uma forma de dizer esse impossível. A invídia, tocando essa questão desse gozo indizível, e que diz respeito a essa devastação entre uma mãe e uma filha, muito mais no sentido de que é o gozo que devasta.

Sônia Magalhães – Quando me propus a escrever alguma coisa sobre o passe me intriguei muito com uma questão. Lacan dizia: "instituí o passe na minha Escola sem forçar ninguém a isso". Mas nós sabemos que por trás disso está a questão: o que faz alguém decidir passar de analisante a analista? Esta que, nós sabemos, e eu gosto muito de me lembrar desta entrevista de Lacan em Roma, quando ele vai trazer esta questão dos impossíveis. Quer dizer, sabemos que o que nós fazemos quando nos decidimos estar aí neste que eu chamo este ofício, é uma questão que nos lança em pesquisas como estas que estamos aqui fazendo. O que foi essa descoberta de Freud? O que, a partir daí, faz Lacan trazer seus dois dispositivos?

Eu creio que, tal como Marie-Jean falou, depois da psicanálise, ainda que do uso corrente, algo, por exemplo, como decidir: o que é um ato, o que é um *acting-out*, o que é uma passagem ao ato? O que é ato? que ato é esse que pode ser comprovado só depois? É ato. Eu creio que vale a pena fazer isso que estamos fazendo aqui, tentar ainda trazer de novo essa questão: que faz alguém querer ter este certificado de suportar estar aí, como Marie-Jean dizia, quer dizer, uma análise pode chegar até o fim e podemos até dizer que a partir daí há um didata, mas contanto que não crie obstáculos a isso. Então, suporte mais uma vez, no fim, cair.

Essas questões me fazem supor que não é de qualquer maneira que se diz, pelo menos eu acredito, quando escolhemos *Campo Lacaniano;* que com o *Campo Lacaniano,* e tomando essa questão dos discursos, poderia algo novo ser trazido aí, não só no impossível de analisar, mas no impossível de governar, no impossível de educar, em relação aos outros discursos. Então, eu continuo achando que vale a pena tentar, ainda que saibamos que retornar a Lacan não é tão simples assim. Esse retorno seria retornar, talvez, à possibilidade, como eu dizia a Quinet, quem sabe?, tudo bem, continuemos! Eu pelo menos achei bom quando ele me elucidou que ali onde havia o júri, então foi colocado o cartel. Por quê? Porque também o cartel traz a questão de descompletar. Então, alguma coisa nova Lacan nos trouxe. Talvez, a partir daí, possamos também trazer algo novo.

Nilda Deiró – É interessante perceber que em todas as instâncias do dispositivo do passe o desejo do analista está presente. E fiquei pensando, usando aquela figura de Dominique, que nesse dispositivo algo escoa e é isso que vai dando a passagem. E pelo que ouvi também do cartel do passe eu aprendi, posso estar errada, mas aprendi assim, que houve a barreira no cartel do passe para esse escoamento. E um ponto que proponho para refletirmos é justamente a posição dos analistas reconhecidos ao ocuparem essa função no cartel do passe. Resgato aqui um termo de Lacan – a verificação do desejo do analista. Então, quando pensamos em verificação, eu acho que o discurso do analista está circulando. Entretanto, se o cartel tomar o passe como

uma avaliação, eu penso que há uma saída do discurso analítico para o discurso do mestre. Isso é um ponto que eu quero refletir, foi algo que me causou nesses depoimentos e que quero continuar pensando.

Graça Pamplona – Bem, eu queria colocar algumas coisas a partir da mesa, na medida em que todos os trabalhos trouxeram pontos, para mim, importantes. Incluindo os comentários de Jairo quando ele fala de Sartre. Eu acho que quando ele nos traz, neste debate, sobre o passe, sobre essa experiência, que pudemos ter, ainda na AMP, o fato de hoje estarmos tentando buscar o que pôde se depositar disso tudo para nós, traduz uma responsabilidade que se compartilha. E eu me incluo nesta também, embora não tenha passado por nenhum dos lugares dos dispositivos.

Eu acho, de fato, muito bonito quando Sartre diz que começa a vida onde chegará a morte, que sua vida começa tal como a morte, entre livros. Eu acho que isso é muito bonito, é uma forma bela de trazer, e quando me tocou como belo, veio exatamente como belo em contraste com o que hoje eu vi nas mesas. E me parece que, em Sartre, o que aparece como belo poderia se dizer como o último véu antes do horror. Talvez este seja o contraste entre o escrito de Sartre e o que se pode chegar no passe, na medida em que, de algum modo, o vivente surge entre urina e fezes. Talvez seja disso que nos fala, também, Marie-Jean Sauret, ao tentar nos dizer que a experiência do passe é, de certa forma, a experiência do holocausto. O que acho que não fica diverso, podendo passar a alguma coisa de cômica, efetivamente, nessa comunicação onde uma *larga tixa espia* quando espirra, ou quando uma Dominique tem tudo, ou mesmo uma *rainha amarela.* Acho que isso nos traz uma certa dimensão do que hoje é possível transmitir, que é essa redução do drama, do trágico que, na arte, o belo vem recobrir, e que eu acho que na experiência possível da análise do passe se pode tentar chegar.

Daí eu poder passar ao que, a meu ver, é uma questão que nos atravessa– acho que a todos que estamos aqui – , que é: o que é essa comunidade? Qual é essa comunidade? Acho até que hoje já somos pequenos, no sentido de que estamos *small.* E acho que poder estar nesse *small*, para mim pelo menos coloca a questão de até onde vai esse *small* – que para mim está além de um recorte territorial, já há bastante tempo –, do que essa experiência que temos vivido desde o ano passado coloca pra mim, pelo menos hoje. Uma comunidade que inclui, onde estão presentes outros, para além do meu limite do Rio de Janeiro. E é nesse sentido que eu penso no que é essa comunidade hoje, de fato, para que possa vir a se estruturar efetivamente como uma comunidade de experiência. É nesse sentido que eu vejo que um debate como este de agora é um momento de construção.

A respeito do que Sônia Magalhães aponta, da necessidade que viu, a partir da experiência, de que se voltasse ao plano conceitual, talvez tenha ficado como o maior desvio e o maior foco das distorções, justamente, o ter escapado de qualquer plano conceitual pelo qual a gente não se responsabiliza mais e vale tudo.

Então só para registrar, quando me ocorreu essa expressão Passe sob

Transferência em substituição a Passe de Entrada – que me alegra ver hoje podendo funcionar como alguma coisa que move ao trabalho –, mesmo que não seja a melhor das expressões, foi no sentido de tentar retornar ao plano conceitual.

Alba Abreu – Eu vou tomar pelo final. Marie-Jean estava falando sobre o passe, falando que seria um tratamento do gozo contra a segregação. E pelo relato de Quinet ontem de noite, que deixou a todos nós um pouco assustados, vimos que o passe na Escola Brasileira de Psicanálise foi exatamente algo que não tratou muito bem disso. Como Jairo bem colocou hoje, sejamos humildes, o passe é precário. Depois de ontem à noite nós diríamos: precaríssimo. No entanto, depois dessa mesa composta de pessoas cujo trabalho a gente conhece, conhece a ética, conhece o desejo, fica-se pensando como é que daquela precariedade se pôde retirar tudo isso. É surpreendente. Por isso, Jairo, quando você fala – precisamos ver esse passe; por que é que Freud precisou de dois, Lacan precisou de onze –, eu não sei se a questão é onze ou dois, eu acho que você não está falando sério quando fala de dois ou três.

Jairo Gerbase – Seriíssimo. Três pessoas são suficientes para montar um dispositivo do passe, na minha opinião.

Alba Abreu – Então, depois a gente conversa. Retomo o que Graça fala, porque me tocou também o que Jairo disse "*small is beautifull*." Eu tenderia a lhe mostrar uma outra coisa, Jairo: Você diz a "nova ordem mundial" pra gente pensar contra os processos de universalização, de globalização, porque os analistas tenderiam a se globalizar? Eu vou lhe propor uma outra coisa. Será que nessa coisa fechada que você diz, nesse mundinho nosso – e aí eu me refiro muito a mim, especificamente, por vir de uma pequena cidade, de um pequeno Estado, sem esse espaço maior – e se a gente puder pensar que vai ter um outro, uma outra pessoa num outro lugar, com quem a gente pode trocar experiências, sabendo que tem outra pessoa trabalhando aquela questão? E como está trabalhando, isso não seria fazer um furo no círculo fechado? Pensar nessa tendência ao infinito como aquilo que a gente necessita, de ter sempre algo que escapa, que é difícil da gente fechar?

Enfim, eu fiquei pensando nisso, será que não seria uma boa experiência? Não a universalização, no sentido de toda a homogeneidade possível, mas no sentido de que sempre haverá alguém que está fazendo alguma outra coisa e que eu gostaria de saber. E aí, talvez, eu me sentisse até menor do que eu seria no meu Estado, na minha cidade, no meu grupo, como você diz, em torno dos mesmos. Por isso eu acredito em uma associação e até em uma internacional, nesse sentido. Nesse sentido de pensar o infinito como aquilo que introduz o espaço vazio. Bom, pra começo é isso.

Clarice Gatto – É, primeiro eu gostaria de fazer uma brincadeira com o Jairo, nessa história do *small*. Eu fiquei lembrando do "*Fashion Mall*" que é um nome de um shopping que temos lá no Rio de Janeiro. Eu me perguntei se a gente não poderia ser *fashion*. Aí a Eliane falou assim: Não, porque tem a ver com a moda. Então me

lembrei de uma entrevista recente a que assisti, do Yves Saint Laurent, e que achei interessante e que tem a ver, talvez, com o tema da próxima mesa: "A moda passa, mas o estilo fica". E ao que nós estamos assistindo aqui de novo é um pouco desse resgate do estilo, não é? Do passe, de uma tentativa, enfim, de estar relendo, estar retomando.

Eu já tinha escutado a Graciela, já tinha escutado a Beth lá no Rio de Janeiro, e teve uma questão que a Sônia trouxe que me fez perguntar, como tornar compatível – não sei se essa é a melhor palavra, isso é um paradoxo – essa questão de querer ser reconhecido com a proposta de se trazer um desejo inédito, algo novo. Isso me ficou como uma questão, porque eu não estive na EBP, eu assisti aos depoimentos. Como é que a gente pode sustentar esse paradoxo? Com os depoimentos, o que me deu um pouco a impressão é que tinha um fomento ao passe. Assim como se tem um fomento à pesquisa. Tinha um fomento ao passe. E um fomento à pesquisa implica um certo modelo. E eu fico pensando até que ponto esse modelo é inconsciente mesmo. Então, as pessoas começam a repetir a sua história, porque é uma con-dição de possibilidade. Esta é uma questão. Eu não tenho clareza sobre isso, é uma questão.

E hoje, para terminar, ouvindo a Dominique, uma das questões que eu me colocava era esta: ir além do drama, ir além da história pessoal, ir além do *Witz*, ir além das vivências. Como fazer isso, como esvaziar completamente essa história? Essa é uma questão. Eu, enfim, estou encontrando aí algumas estratégias.

E no que a Dominique trouxe, me chamou a atenção a quantidade de vezes que ela repetiu a palavra "explicação" no seu depoimento. Achei muito interessante o que ela trouxe, gostei da sua proposta teórica de pensar essa impossibilidade de transmissão. E aí me lembrei do texto de Freud, "Inibição, Sintoma e Angústia", onde ele vai exatamente dizer que o luto não é mais uma *Deutung*, uma significatividade, mas o luto é uma explicação que resta como uma angústia real. Fiquei com essa questão e um desafio: Por que não trabalhamos isso? Porque era essa a questão para mim: Como articular o que a gente experimenta com a teoria psicanalítica? Acho que esta é a questão.

Luiz Carlos Nogueira – Bom, primeiro eu quero dizer a vocês que estou muito contente de estar aqui, e agradeço a lembrança de Jairo e a Helena que também está me acompanhando. Eu acredito que do Campo Freudiano para o Campo Lacaniano há uma mudança grande. Eu conversei isso com o Marie-Jean Sauret em São Paulo e entendo que pra mim isso foi uma elaboração até agora com relação à saída da Escola. Quer dizer, acho que estamos fazendo um grande luto ainda – eu pelo menos estou – de termos trabalhado tanto tempo pra fazer essa Escola e a gente ter que distanciar de muitos amigos, muitos colegas e continuarmos lendo os textos de pessoas que se pautam pela ética da psicanálise.

Eu queria dizer que há uma questão que me persegue há muito tempo com relação ao passe, embora eu me sinta, assim, um pouco paralisado na "Proposição" de 67. E aproveitei muito da exposição de todos vocês aqui falando da própria experiência. Mas a questão que me persegue é a seguinte: O passe é uma verificação

ou é uma construção da Escola? Eu li, recentemente, um texto que foi publicado pelo grupo do Rio de Janeiro, com relação ao trabalho que foi feito na última reunião do Campo Lacaniano. Acho que é um artigo do Bernard Nominé, em que faz essa diferença entre o AE e o AME: o AME, que tem o reconhecimento da Escola, e o AE, que vai construir a Escola.

Eu entendo que a proposta de Lacan em 67 foi essa que alguns falaram, de que quem quisesse fazer o passe ia dar uma contribuição para o avanço da psicanálise. Então isso não pode ser verificado, a meu ver isso é uma contribuição. Quer dizer, isso significa que a pessoa já concluiu a sua análise, finalizou a sua análise e se autorizou como analista. Então essa autorização não vai poder ser superada por nada, porque o reconhecimento da Escola como AME é um reconhecimento objetivo, não é um reconhecimento da análise, é um reconhecimento do trabalho que o sujeito fez, do crédito que ele deu à análise, do trabalho clínico que ele representa. Acho que é uma posição, digamos, política, que todo grupo humano deve ter e que acho que nós também podemos ter. Mas o AE, eu acho que é um algo mais que depende de quem quiser e não de algo exigido pela Escola. E nem mesmo algo tomado como um critério, como uma condição pra ser analista. Isso é a questão que tem me perseguido.

E quando a Graça lembrou do fatídico dia em que foi aprovada a entrada na Escola pelo passe – que foi realmente uma coisa incrível, todo um manejo político que foi feito para que fosse unânime a votação – entendi que tínhamos mudado completamente a concepção de Lacan. E por isso acho que fiquei na "Proposição" de 67. Pode ser que, lendo outros trabalhos, a Nota aos italianos... ou vocês me convençam de outras coisas, mas eu entendo que é um algo mais.

Eu entendo que quem quer fazer o passe está dando uma contribuição, está fazendo uma tentativa como fizeram aí, de formalizar alguma coisa que é uma experiência original. Para mim, durante todo esse tempo de análise, a conclusão que cheguei é de que a psicanálise é uma experiência original. Então, nós não temos referências a outras experiências porque ela é original. E acho que é isso que o Lacan pensou ao propor, em 67, que o analista que tivesse finalizado a sua análise, quisesse realmente dizer sobre ela de uma maneira científica que pudesse dar um crescimento à própria análise.

Mas eu admito que temos que pensar, temos que ver outras idéias que possam estar realmente ajudando o crescimento da psicanálise. Entendo que isso que se propõe... e o dispositivo que ele propôs é bastante complexo, como o Jairo lembrou, parece trazer algumas contribuições. A gente conhece pessoas que fizeram o passe e que revelam realmente que deram alguma contribuição.

Rainer Melo – Primeiro eu quero falar sobre os trabalhos da mesa. Tive oportunidade de falar com a Sônia que achei ótimo o trabalho dela, porque era a única secretária entre vários passantes. Ela falou a partir de sua própria experiência e acho que deu uma contribuição muito grande para os avanços dos nossos trabalhos. E também, assim, através dos depoimentos e dos trabalhos foi possível verificar que o passe funcionou em detrimento da política partidária querendo sobrepor à clínica.

Ontem tive oportunidade de falar com o Jairo, quando o ouvi falar de três pessoas para o passe, eu acho que isso não funciona. Não tem condição. Hoje ainda perguntei ao Jairo se não estava brincando quando estava falando isso. Porque acho que não tem como, não tem condição colocar só um passante e um passador, com o outro como se fosse o analista para ouvir. Acho que isso aí vai prejudicar, vai derrubar tudo. Já é difícil com dois passadores e um cartel! Quanto à função do êxtimo, concordo que não tem necessidade de entrar nesse dispositivo.

Jairo Gerbase – Eu queria dar uma palavrinha. Uma só questão, isto é, a epistemologia científica. Porque o argumento verdadeiramente forte aqui é esse: apesar dos disfuncionamentos, o passe funciona. Me permitam levantar esta suposição: a epistemologia científica diz que esse argumento é de verificabilidade.

Antonio Quinet – Eu também só queria dizer e lembrar uma palavrinha que impressionou muito a Freud: *"Ça n'empeche pas d'exister."*